

BUSCANDO APROXIMAÇÃO ENTRE OS CAMPOS DISCIPLINARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DA GEOGRAFIA: UM PERCURSO DE PESQUISA COM CRIANÇAS NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

José Alfredo Oliveira Debortoli

Doutorado – EEEFTO/UFMG – CEDES/MEC

Maria de Fátima Almeida Martins

Doutorado – FAE/UFMG

Sérgio Martins

Doutorado – Dep. de Geografia/UFMG

Vanessa Ferraz Almeida Neves

Mestrado – Secretaria de Educação/PBH

Jennifer Ayres Pimenta

Acadêmica – Geografia/UFMG

Raquel Souza Barbosa

Acadêmica – EEEFTO/UFMG

RESUMO

No âmbito da UFMG, temos desenvolvido estudos que tragam para o campo de investigação temas e contextos em que as crianças possam expressar seu lugar social como sujeitos na produção da cultura e da sociedade. Procuramos sistematizar conhecimentos tanto políticos quanto éticos e estéticos, propondo conhecer as condições e situações de inserção das crianças na urbanização contemporânea. Em 2006 constituímos o Grupo de Pesquisa Infância, Cidade e Educação com enfoques voltados para estudos que sinalizem perspectivas teórico-metodológicas para investigar a presença das crianças no espaço social contemporâneo, tensionando e ressignificando os sentidos das diferentes realidades urbanas, particularmente das metrópoles.

ABSTRACT

At Universidade Federal de Minas Gerais we have developed studies to investigate contexts in which children may express their social place as subjects who participate in the production of culture and society. We seek to systematize political as well as ethic and aesthetic knowledge, proposing to know the conditions of insertion of children in the contemporaneous urban. In 2006 we formed the Research Group in Childhood, City and Education, that point knowledge in an interdisciplinary way. We seek to investigate the presence of children in the contemporaneous social space, taking it to its limits and renewing the meaning of cities.

RESUMEN

En el ámbito de la UFMG hemos desarrollado estudios que aporten para el campo de la investigación temas en que los niños puedan expresar su lugar social como sujetos. Buscamos sistematizar los conocimientos, tanto políticos como éticos y estéticos, colocando como propuesta conocer las condiciones de inserción de los infantes en el ambiente urbano contemporaneo. En 2006 fue constituido el Grupo de Investigación de la Niñez, Ciencia y Educación con un enfoque en estudios que marquen conocimientos creados de manera interdisciplinaria. Queremos investigar la presencia de los niños en el espacio social, reasignando el significado de los sentidos las ciudades.

1. APRESENTANDO O GRUPO, A PESQUISA E CONSTRUÇÃO DE NOSSOS OLHARES

As reflexões aqui propostas têm como base questões que emergiram do Projeto de Pesquisa “Infância e Cidade e Educação”¹. Nele buscamos compreender as relações existentes entre a (re)produção do espaço urbano e as (im)possibilidades de experiência das infâncias. A rigor, nossa tentativa é a de incursionar, com o cabedal teórico-conceitual passível de ser mobilizado a partir dos campos disciplinares da Educação Física e da Geografia, numa totalidade complexa e em movimento: a urbanização e as relações a ela concernentes.

Este “encontro interdisciplinar” tem como centralidade o olhar das crianças sobre o mundo, relacionando-o com os processos mais gerais de produção e reprodução dos espaços na cidade, aproximações, convergências e tensões entre algumas das possíveis formas de elaborar olhares e leituras de mundos, que possam anunciar novas perspectivas teórico-metodológicas, enunciando e desvelando questões postas pelas condições concretas para a experiência do espaço social, materializada pela metropolização da cidade de Belo Horizonte, e, nesse contexto, a produção e reprodução das infâncias.

O grupo de pesquisa vem desenvolvendo princípios teórico-metodológicos que fundamentaram o percurso inicial da investigação e de nossas discussões, num primeiro momento, mais referidas à cidade e ao urbano, bem como, estudos sobre a infância, sem perder de foco a problematização da educação e da formação cultural e humana. As discussões sobre a cidade e o urbano, contidas no livro *A revolução urbana* de Henri Lefebvre, assim como, leituras sobre a infância e a criança, elaboradas pela sociologia da infância, foram muito importantes para a formação e construção das aproximações realizadas pelos pesquisadores no grupo de pesquisa. Partindo para o aprofundamento do diálogo com os diferentes campos do conhecimento, tomamos como princípio conceitual a compreensão da cidade como forma e concretização do social, “inscrita no solo”, como bem salienta Lefebvre (1999), constituída por relações sócio-espaciais que a produzem e reproduzem, transformando-a em “outra coisa”. No caso que nos interessa, poderíamos dizer que da (re)produção da cidade brotou a metrópole.

Desse modo, poderíamos considerar que é intrínseco ao humano (aos homens como sujeitos históricos e sociais determinados) produzir não apenas coisas, objetos. Considerando o termo produção numa acepção mais ampla e rica que a habitual, essa elaboração possibilita compreender que no processo de humanização os homens criam-se e se recriam. Criam e recriam as relações entre si e com a natureza, produzindo e reproduzindo, permanentemente, a própria vida. O espaço é produzido e reproduzido constantemente. Assim como as concepções e práticas concernentes ao tempo. Mas a efetivação da riqueza da capacidade criadora dos homens, a objetivação da vida humana em sua universalidade realiza-se sob um modo histórico particular. Nas sociedades onde a riqueza se configura como uma imensa acumulação de mercadorias (Marx), nos marcos das relações sociais que as consubstanciam, a urbanização encontra-se determinada pelos fundamentos das relações que caracterizam uma formação social historicamente específica que se convencionou denominar por capitalismo. O que se exprime, por exemplo, através da mercantilização de parcelas de terrenos, definindo os termos através dos quais prospera a chamada especulação imobiliária, demarcando as coações do mercado.

A metropolização de Belo Horizonte (processo cujas determinações e circunstâncias específicas não cabe aqui evidenciar), pode ser compreendida no interior desse processo, da formação capitalista, tal como se desenvolve na e pela sociedade brasileira. E tal desenvolvimento não se explica apenas e tão-somente enquanto processo econômico. O Estado tornou-se fundamental para a reprodução ampliada do capitalismo,

¹ Esta pesquisa é desenvolvida por um grupo de professores e estudantes da EEEFTO, do Departamento de Geografia e da Faculdade de Educação da UFMG.

para a reprodução das relações que caracterizam o chamado mundo das mercadorias até os mais recônditos momentos e lugares da vida social. Se considerarmos a história da produção do espaço de Belo Horizonte, isso se evidencia desde a sua concepção e concretização. O fundo autoritário do urbanismo, por exemplo, arrogando para si as prerrogativas do pensar e do agir, detendo, supostamente, o monopólio da racionalidade espacial que se impõe às práticas espaciais. Porém, ao ser transformada em metrópole muitas dessas estipulações, dessas normatizações, são atualizadas e/ou redefinidas pelo processo geral de modernização, nem sempre correspondendo a uma disposição explícita do aparato de Estado. No transcurso do século XX, os transportes coletivos, o uso do automóvel, especialmente, depois da Segunda Guerra, restringirão as ruas ao fluxo (de veículos e/ou de pedestres). As ruas devem ser uma “máquina para o tráfego”, já dizia Le Corbusier (o mais proeminente dos urbanistas do séc. XX) nos anos 30. O que equivale a uma redução brutal das práticas espaciais, das possibilidades de sua apropriação.

Le Corbusier dizia que era preciso “matar a rua”. Poder-se-ia dizer que o pensamento e a prática urbanística orientados nessa perspectiva contribuíram amplamente para “matar as cidades”. Nos dias de hoje, nas metrópoles contemporâneas como a de Belo Horizonte, configura-se uma problemática do espaço. As segregações espaciais evoluíram para fragmentações concebidas e administradas que chegam a implicar em verdadeiros territórios, em “guetos” auto-referidos, socialmente homogêneos, onde a experiência urbana do encontro fortuito com o diferente torna-se difícil, senão perigoso, configurando o estranhamento. Desde os espaços congestionados pelos signos e símbolos materiais do moderno, como os chamados condomínios fechados, até as vilas e favelas caracterizadas pela aspereza material, sem esquecer dos centros esvaziados de centralidade, de lugares apropriados para a reunião e o encontro, a explosão da cidade (para utilizar a metáfora de Henri Lefebvre) transformada em metrópole, expõe dramaticamente a negação da vida urbana, a problemática, para reforçar o paradoxo, de uma urbanização desurbanizante. Os conteúdos da urbanização podem ser examinados através das práticas espaciais (que implicam um emprego do tempo) próprias do viver. O morar, por exemplo, funcionalizado, foi reduzido a *habitat*. A casa como “máquina de morar”, segundo a definição sumária de Le Corbusier, parece tornar anacrônica a afirmação de Martin Heidegger de que o homem habita como poeta. As lutas pela cidadania, pelos direitos sociais, enunciaram o direito à moradia, nem sempre formulando-o numa concepção que englobasse o direito à cidade. De certo modo, poder-se-ia aí situar a distância entre a criança e a infância, entre o ser “entranhado de possibilidades”, instituinte por excelência, com os espaços de representação (o teatro espontâneo) concernentes às brincadeiras, ao lúdico, e as representações de espaço para a infância enquanto instituições da sociedade.

Na vida cotidiana de uma metrópole como Belo Horizonte parece configurar como problema a (im)possibilidade da experiência no processo de construção social das infâncias. Evidencia-se, ora uma prescrição restritiva universalizando e homogeneizando as infâncias, ora o abandono e o isolamento das crianças relegando a relações próprias a grupos de pares que, ao mesmo tempo que abandonam e isolam, multiplicam uma infância fragmentada e privatizada que perde, cada vez mais, o sentido do público e das relações sociais, especialmente no espaço da cidade.

Entendemos ser fundamental compreender as práticas cotidianas “com” e “no” espaço, nos diferentes fragmentos espaciais da metrópole. Entendemos, portanto que o que anima o espaço é a vida cotidiana, constituindo-se como *práxis*. Nas relações estabelecidas pelas crianças entendemos ser possível desvendar uma apropriação dos espaços, ou seja, como realizam suas práticas sócio-espaciais referidas à cidade. Ao investigar a presença das crianças no espaço social que apresenta, notadamente, formas instituídas por aquilo que lhe é mais característico (urbanismo, arquitetura, ruas, parques, espaços de lazer,

experiências de brincadeiras etc), há que destacar como estas carregam em suas práticas formas de usos e apropriações dos espaços (públicos e privados) e, ao mesmo tempo, como anunciam, tensionam e ressignificam os sentidos dos espaços na metrópole.

Esta pesquisa está sendo realizada em dois espaços com contextos bem diferentes e significativos na realidade social de Belo Horizonte, que representam nas suas particularidades, as determinações do processo mais amplo que é o de metropolização. Um que apresenta características de áreas periféricas, materialmente empobrecidas, mas extremamente significativa para a presença e, por vezes a permanência da criança e da infância no espaço público, e um outro que, contrariamente ao anterior, é marcado por um padrão socioeconômico elevado, onde a presença da criança é bem demarcada pelas determinações de uma cotidianidade programada, característica da sociedade contemporânea.

2. AMPLIANDO FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As discussões sobre a cidade e o urbano contidas no livro *A revolução urbana* de Lefebvre, na primeira etapa de pesquisa, foi fundamental para a formação e construção de aproximações entre o grupo. A partir de nossas discussões, planejamos nossa primeira incursão no campo. Algumas questões atravessaram nossos olhares e formas de perceber o fenômeno urbano:

- Como compreender a cidade e sua configuração em metrópole e suas diversas e complexas transformações da vida e do espaço urbano através do processo de metropolização?
- Como se constitui esse nosso contemporâneo tão “rico” em eventos, e, na maior parte das vezes, tão pobre de experiência?
- Como compreender o cotidiano que é, cada vez mais programado (noção de cotidianidade programada) e como reconhecê-lo, como resgatá-lo como espaço relacional e público?

Intensificamos nosso olhar, no percurso da pesquisa, para as crianças e para as infâncias vividas em diferentes espaços, tanto aqueles materialmente empobrecidos quanto aqueles que se constituem como signo e expressão material dos elementos constituídos na e constituintes da modernização urbana. A escolha dos espaços da pesquisa foi orientada a partir de leituras sobre eles, que vieram ao encontro das questões postas pelo grupo.

A seqüência das atividades de pesquisa se voltou para o diálogo sobre a infância e a cidade. A elaboração teórica de autores como Jorge Larrosa (2004), Beatriz Sarlo (2000) e Giorgio Agambem (2005); e os estudos da Sociologia da Infância, especialmente a partir das proposições de Manuel Sarmiento (1997; 2001; 2005) se tornaram centrais nas discussões para uma nova aproximação com os sujeitos da pesquisa e, ao mesmo tempo, importantes para a nova saída ao campo. À luz da Teoria Crítica, tendo Adorno e Benjamin como interlocutores, problematizando a noção de *experiência* para compreender as infâncias na sociedade contemporânea, com os seus tempos-espaços, cada vez menos, expressando-se como possibilidade de experiência, e, cada vez mais, marcado pelo “já programado”, o que nos levou a discutir sobre a noção de saber e conhecimento.

Discutimos o quanto o conhecimento depende do que sabemos da realidade, e da forma que ela vai se tornando inteligível e compreensível aos sujeitos como experiência histórica. Ressaltamos o risco permanente da produção de uma análise que reproduza relações de “dominação da infância”, e o que deverá ser feito do mundo. Em diferentes relações institucionais, a infância acaba se tornando muito mais uma experiência de

dominação pelo saber e pelo poder, do que uma experiência de produção de saber. Novas questões emergiram:

- O quanto espaços da cidade como as ruas e as praças constituem-se como expressões da técnica, da velocidade, da privatização da vida, da presença/ausência no espaço público, da circulação e da informação, ou seja, signos por excelência do moderno.
- Que caminhos percorrer para compreender as infâncias na metrópole?
- Em uma cidade que cresceu de forma gigantesca, que processos de alteração das bases materiais da vida urbana se revelam, e como tudo isto toca, envolve e condiciona a experiência da infância no contemporâneo?

3. AS CRIANÇAS E SUAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS RADICAIS ENTRE O CONJUNTO CONFISCO E O BAIRRO BELVEDERE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

O conjunto Confisco e o Bairro Belvedere são exemplos das múltiplas diferenças que constituem o urbano na metrópole de Belo Horizonte. Todavia, embora expressem realidades distintas, representam como o processo geral de (re)produção da metrópole alcança a todos, e, ao mesmo tempo que os fragmenta, os integra pelas relações de consumo dos signos da modernidade.

Confisco, como ficou denominado o conjunto habitacional construído no final da década de 80, traz até hoje as marcas da tutela do poder político na determinação da produção de seu espaço. Segundo a fala de uma das primeiras moradoras, ex-presidente da associação de moradores, os lotes foram entregues aos seus primeiros moradores, apenas com a rede de esgoto. Coube a eles a construção de suas casas, assim como lutarem pelas melhorias dos/nos espaços públicos (calçamento, limpeza urbana, praças...), o que só foi efetivado através de mobilizações organizadas pelas associações de moradores. Lutas que representavam melhorias nas condições infra-estruturais da vida urbana que significavam, naquele momento, lutas pelo direito à cidade. Segundo a moradora, esse primeiro momento, em que é flagrante a precarização das condições infra-estruturais, a relação das crianças com o espaço público, como a rua, era mais freqüente, visto que, não existindo lugares determinados para as suas brincadeiras, estas se realizavam nas ruas, assim como num outro lugar, conhecido como “buracão”, que, para os adultos, era apenas um lugar que representava perigo, ao passo que, para as crianças, representava o lugar da brincadeira.

Os discursos em defesa do fechamento do “buracão” referiam-se à sua insalubridade, posto que nele os moradores jogavam o lixo. Era o lugar de onde saíam as “ratazanas que punham os gatos pra correr”.. No entanto, o que se pôde perceber através de entrevista com duas jovens (hoje com aproximadamente 20 anos de idade) que outrora brincavam ali, na maioria da vezes escondidas de sua mãe, a leitura foi bem diferente. Para elas, ali era possível brincar com os amigos, escorregar sentadas num pedaço de madeira lisa, era uma festa. Elas não o viviam exclusivamente como lugar do interdito.

Percebe-se que, embora as condições materiais fossem precárias e os espaços públicos (como praças e quadras, por exemplo) especialmente destinados ao lazer não estivessem presentes, havia espaços livres, apropriados pelas crianças através de práticas não normatizadas, ou então não determinadas e/ou prescritas de antemão. O brincar inventava-se. Hoje, como resultado das lutas nas quais os moradores se engajaram, o

“*Confisco está uma beleza!*”, As ruas, asfaltadas, permitem a chegada do caminhão de lixo, do carteiro, o trânsito dos próprios moradores. A escola e o posto de saúde são direitos conquistados. O buracão não existe mais. Em seu lugar, através de recursos assegurados via Orçamento Participativo, existe um espaço público, uma ampla praça, destinada para ser o lugar da sociabilidade no bairro, do encontro das crianças e dos adultos. Próximo à praça, num campo de terra, a prática do futebol se realiza, pelas competições organizadas através de um projeto institucional no qual se articulam a prefeitura municipal e uma associação de ex-jogadores de futebol.

O bairro Belvedere, marcado pelas determinações da propriedade, do privado, da vida privada, parece subsumir a apropriação, o uso. A prática social, o espaço vivido está referida apenas ao “espaço como geométrico”² Ao observarmos a vida, ou momentos desta, em dias diferentes, pode-se perceber que este é regulado pelos tempos do trabalho. Durante a semana, há quase que uma ausência nas ruas. A presença de pessoas neste espaço ou nas praças tem um momento, e este está bem demarcado. No início da manhã, antes da saída para o trabalho, ou ao final da tarde, quando fazem suas caminhadas. Após esse horário, a monotonia expressa bem este espaço, sendo quebrada por algumas babás, em horários determinados, acompanhando as crianças de seus patrões até a “Praça da Criança” para ali brincarem. As ruas estão quase desertas durante a semana e no “horário de trabalho”. Na parte do bairro não exclusivamente residencial, porém, pode-se perceber um fluxo maior de carros e de pessoas, e, dentre estas, as crianças, algumas acompanhadas seja de suas mães ou babás (em sua grande maioria, com carrinhos ou apenas com crianças de colo), encontram-se noutra praça para que as crianças brinquem e, evidentemente, também possam encontrar com suas colegas de trabalho. Outras crianças passam apressadas pelas calçadas, seguem para suas atividades programadas como: escolas de idioma e ballet.

O que se pode depreender do sentido e significado dado à presença da criança no espaço público neste bairro, é que é identificada e entrecortada pelos discursos dos incorporadores e entra nas estratégias da lógica do consumo do espaço.³ Pensar o espaço como prática social significa pensar a apropriação e esta não se reduz à representação do espaço, ela terá que ir em direção à apropriação concreta, do pertencimento, do vivido para além do espaço geométrico. Pensar o Belvedere como espaço produzido, é pensar esta produção como produção de um modo de vida. Percebe-se que uma “cultura do consumo”, na maioria das vezes, coloniza a vida cotidiana produzindo desejos e necessidades, produzindo uma permanente obsolescência das coisas e dos desejos.

4. REFLEXÕES SOBRE NOSSOS OLHARES E REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS E DAS INFÂNCIAS

Permanentemente somos levados a problematizar nossas representações das infâncias. Qualquer idéia romantizada, saudosista, ingênua das crianças, desde o início não encontrou sequer vestígios desse modelo de infância em nenhum dos dois espaços da cidade. No Confisco, as crianças inicialmente eram mais visíveis. No Belvedere, de outra forma, a infância “aparecia” demarcada, sobretudo, pela sua invisibilidade. Todavia, apesar de apresentarem realidades tão diferentes, buscamos estabelecer alguns pontos de aproximação, da vida cotidiana e das práticas sociais.

² DAMIANI, 2001:51

³ Um dos últimos empreendimentos que está sendo construído, o condomínio Belvedere Horizonte apresenta como destaque: 4 quartos; área de lazer decorada; Kids club coberto (*Espaço Kids*); piscina infantil; quadras de tênis e Futsal; espaço para festas; espaço gourmet; fitness indoor; garage band; street village.

Em ambos os “bairros”, as Associações de moradores permanentemente estabelecem mediações com a vida cotidiana. Cada uma, de acordo com sua realidade, propõe o que entende como “melhorias” nos equipamentos urbanos e também nas relações sociais de suas respectivas áreas de atuação. Apesar de realidades tão distintas as reclamações, na maioria das vezes, são as mesmas como, a falta de participação da maioria dos moradores nos assuntos que competem à associação, a revolta diante da corrupção do governo, o medo da violência e assim por diante. Contudo, a diferença social já se faz sentir na forma de atuação das associações. Se no Confisco os moradores se juntaram em grande número para conseguir benefícios por meio do orçamento participativo, no Belvedere a associação funciona como uma “mini-prefeitura”, operacionalizando atividades e arcando com o custo das mesmas. Diferentemente do Confisco, buscam melhorias do equipamento urbano, já que as relações sociais no bairro perdem cada vez mais espaço para o individualismo. Uma preocupação central dos moradores do Belvedere é a segurança, especialmente, para garantir o que ressaltam como “qualidade de vida excepcional”. Todavia, não fica claro, o que é essa qualidade de vida, pois logo aparece um discurso que revela a tristeza da falta de convívio social e do medo: *“nós temos um bairro em que as pessoas passam por ele, mas não entram dentro dele”*.

Quando se pensa nas crianças e sua visibilidade social, esta aparece apenas indiretamente, visto que também são alcançadas pelas estratégias de mercado, como por exemplo, quando um entrevistado comenta sobre um anúncio de lugares “lúdicos” nos condomínios à venda: *“isso é uma forma indireta que a construtora facilita a vida do pai, e o pai engana os filhos”*. Esse comentário reforça a idéia de que os espaços, os equipamentos comuns não funcionam, ou melhor, não são utilizados, apenas agregam valor aos empreendimentos. Ainda de acordo com o entrevistado, *“os valores mudaram, dificilmente se vê crianças passeando com os pais ou avós nas ruas e praças. As crianças foram substituídas por cachorros”*.

Pelo que foi dito na entrevista as relações sociais entre os moradores do bairro *“não é mais convivência, é conveniência”*. As verdadeiras amizades, de acordo com Ubirajara, são raríssimas. Ao que tudo indica, esses novos valores, de competitividade, de interesse e de conveniência, são passados cada vez mais cedo para as novas gerações, modificando decisivamente o que conhecemos como infância. No que diz respeito à relação do Belvedere com outros espaços da cidade, a sensação dos moradores é de que *“a cidade agride”*. Em nome desse medo e de toda essa insegurança, os moradores do Belvedere se submetem a viver em meio a câmeras de todos os lados e, em nome da segurança, aceitam a perda quase total de uma suposta privacidade. É interessante lembrarmos que esse medo acaba forçando a mudança de hábitos e, certamente, altera ou constrói a rotina das crianças. O medo também reforça o preconceito, o isolamento, a privatização da vida.

“O que o sujeito do Belvedere vai fazer no Vera Cruz? O que o sujeito do Vera Cruz vai fazer no Belvedere? Não quero parecer ofensivo, não, mas o que tem nesse trajeto? (...) Pra vim ao Shopping? Faz um shopping lá. O sujeito que mora lá, infelizmente, coitado, não pode fazer compra no shopping. As condições financeiras dele não dão ai esse direito a ele. Ele tem que fazer compra no Shopping popular. A gente compra aonde que pode. De acordo com o nosso capital?”

Traços desse comportamento, assim como um certo preconceito contra as classes menos favorecidas economicamente, também, foram percebidos, durante entrevista no bairro Confisco. No Confisco, devido à baixa renda dos moradores, a união, ao menos em momentos estratégicos, faz-se mais necessária, na medida em que precisam se mostrar ‘barulhentos’ para conquistarem seus objetivos. Quanto à infância, ela parece sofrer modificações em ambos os casos. Talvez no Belvedere essas mudanças sejam mais

perceptíveis (embora nem sempre identificadas) devido à maior dificuldade em ver, em encontrar as crianças nas ruas, por exemplo.

5. INCLUSÕES FINAIS: PARA PENSAR O ESTUDO SOBRE E COM AS CRIANÇAS NA URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

Essas reflexões assinalam a complexidade das transformações dos espaços urbanos, especialmente, pela mediação de interesses privados, e como esse processo se expressa na construção social das infâncias no contemporâneo. A possibilidade de experiências de infância no urbano contemporâneo vai ganhando contornos e visibilidades que se revelam, cada vez mais, pela privatização, pelo isolamento, por uma vida cotidiana, cada vez, mais programada e mediada pela cultura do consumo.

Ao problematizarmos a pluralidade dos sistemas de valores, de crenças e de representações sociais das crianças, isto remete a uma construção de pesquisa que, também, problematize os processos decorrentes de uma crescente institucionalização da infância e do controle dos seus cotidianos pela escola, pelos tempos livres, pelas práticas familiares, pelos meios de comunicação e informação, pelos jogos, etc. (SARMENTO e PINTO, 1997, p. 22)

Nesse contexto, as interpretações da inserção das crianças nos processos de relação e produção da cultura sustentam-se nas condições sociais em que as crianças vivem, interagem e que dão sentido ao que fazem. Não obstante, pensar a especificidade da infância remete às contradições e relações de poder que instauram os diferentes processos simbólicos que constituem uma cultura humana demarcada como construção histórica. As questões que atravessam a cena social tocam crianças e adultos. A escola, o trabalho, os tempos de lazer, os brinquedos, as brincadeiras, as artes, as cidades, a imaginação, a criatividade, o afeto, a sexualidade, a autonomia, a dependência, a educação e o cuidado nos colocam diante de nossa condição humana relacional.

A compreensão da infância que formos capazes de produzir nos expõe, expõe nossa sociedade. Toca em uma reflexão sobre o poder: até que ponto estamos dispostos a partilhar com as crianças (poderia referir aqui a atores sociais com histórias singulares, como as mulheres, os negros e tantos outros grupos que se apresentam enigmáticos pela sua diferença-beleza-estranheza-exclusão) da reconstrução e ressignificação do nosso presente/olhar? A pesquisa da infância coloca no centro da reflexão o lugar que os adultos, as instituições educativas, as famílias ocupam nos processos de construção, partilha, transmissão, apropriação e domínio da cultura, das experiências, dos saberes e dos aparatos técnicos.

No campo da pesquisa, como em qualquer outro campo social, é preciso assinalar a histórica “menorização” das crianças na participação da construção da cultura e na organização dos sistemas sociais. Isso torna urgente, citando Castro (2001, p. 28), desfocar o debate sobre uma suposta inferioridade ou incompetência da criança em relação ao adulto, para colocá-la em termos processuais e relacionais, buscando os significados que emergem na ação e da ação das crianças, mesmo, ainda, mergulhada em relações desiguais de poder e saber. Contrapondo-se a essa “menorização” das crianças – por razões sociais e ideológicas –, o conhecimento da infância se revela na capacidade de reconhecer as várias e surpreendentes formas de expressar sua “voz” e de agir no mundo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e política* – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da História*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJ, 2001.

DAMIANI, Amélia Luísa. Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani, A. *Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1970] 1999.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne: fondements d'une sociologie de la quotidieneté*. v.2. Paris: L'Arche Editeur, 1961.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

SARMENTO, Manoel; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manoel (Coord.) *As crianças: contextos e identidades*. Centro de estudos da criança. Universidade do Moinho, 1997.

SARMENTO, Manuel. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, Regina; LEITE FILHO, Aristeo (Org.) *Em defesa da educação infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.26, n.91, p.361-378, mai./ago.2005.

José Alfredo Debortoli

R. Orlando Lima Melo, 653 – Xangri-lá – Contagem – MG

dbortoli@eefito.ufmg.br

Maria de Fátima Almeida Martins

falmartis@ufmg.br

R. Renato Travassos, 268 – Bandeirantes – Belo Horizonte – MG

Sérgio Martins

sergiomartins@ufmg.br

R. Renato Travassos, 268 – Bandeirantes – Belo Horizonte - MG